

O Festival de Almada toma o pulso ao país teatral (mas não fecha fronteiras)

Teatro
Gonçalo Frota

De 3 a 26 de Julho, o Festival de Almada apresenta uma edição readaptada às circunstâncias impostas pela pandemia

Como o director do Festival de Almada, Rodrigo Francisco, revelou já ao PÚBLICO, no pico da pandemia de covid-19 em Portugal, em Abril, a Companhia de Teatro de Almada contactou os seus fiéis espectadores perguntando-lhes se achavam que deveria haver festival e, em caso afirmativo, se comprariam a assinatura que dá acesso à totalidade dos espectáculos. A resposta foi de uma tal limpidez que a 37.ª edição do Festival de Almada acontecerá mesmo este ano, entre 3 e 26 de Julho. Agora, que ficamos a conhecer a programação, composta por três espectáculos internacionais e um amplo retrato do teatro português actual, Rodrigo Francisco revela-nos que “mais de um terço das assinaturas já foi vendido”, antes sequer de ser conhecido o nome de um único espectáculo.

Ao contrário do que é habitual no Festival de Almada, este ano, devido à incerteza desencadeada pela pandemia – mais as consequentes alterações de regras para as salas de espectáculos e as limitações à circulação dos cidadãos – “entre meados de Março e o início de Junho”, diz-nos Rodrigo Francisco, “houve várias versões da programação”. “Fomo-nos mantendo em contacto com as companhias estrangeiras e, paulatinamente, elas foram-nos informando, uma a seguir à outra, que não podiam vir por causa das condições específicas dos seus países. Restaram três espectáculos.” E são eles: *Rebota, Rebota y Tu Cara Explota*, dos catalães Agnès Mateus e Quim Tarrida (22 a 26, Academia Almadense), *Future Lovers*, da companhia madrilenha La Tristura (17 a 19, Teatro Joaquim Benite), e *Johan Padam* – *Conquista das Américas*, texto de Dario Fo interpretado pelo italiano Mario Pirovano (15 a 19, Incriveil Almadense).

A presença de espectáculos espanhóis e italianos poderia sinalizar a intenção do Festival de Almada de apoiar a criação artística de dois dos



Rebota, Rebota y Tu Cara Explota, dos catalães Agnès Mateus e Quim Tarrida

países mais severamente afectados pela covid-19, mas acabou por ter uma justificação “mais prosaica”: no caso dos espectáculos vindos de Espanha, fechados antes de haver certezas quanto à reabertura do espaço aéreo europeu, houve a manifestação de disponibilidade de os artistas poderem deslocar-se de automóvel, caso fossem impossíveis as viagens de avião; no caso do monólogo protagonizado por Pirovano, após a desistência de espectáculos alemães que implicavam a deslocação de equipas compostas por dezenas de profissionais, este foi um risco mais calculado. “Fazer teatro é sempre um risco”, desabafa Rodrigo Francisco. “Organizar um festival de teatro é um risco ainda maior e há sempre a possibilidade de as coisas não acontecerem da forma como prevíamos.”

A *Rebota, Rebota y Tu Cara Explota* – “um espectáculo-denúncia do feminicídio e da subalternização da mulher” –, *Future Lovers* – peça situada num parque de estacionamento, em momento de *botellón*, que “fala dos jovens da geração que nasce com o século XX, mas sem ter uma posição paternalista ou simplista” – e *Johan Padam* – escrita por Dario Fo para celebrar os 500 anos

da viagem de Cristóvão Colombo até à América, por encomenda da Expo 92, mas que “em vez de ser uma peça laudatória e celebratória denunciava a rapina e o saque dos conquistadores à chegada” – junta-se uma forte programação nacional, “dos teatros nacionais às companhias independentes, de criadores como Carlos Avilez e João Mota, a André Murraças, Tiago Correia e Raquel Castro”. O traço “que pautas as nossas programações”, contextualiza Rodrigo Francisco, “é ter espectáculos para todos os gostos, de várias linguagens, estéticas e correntes, para que o público possa ir tomando o pulso aquilo que vai acontecendo no mundo teatral – e que este ano será sobretudo no país teatral.”

Assim, a sessão de abertura do Festival de Almada, a 3 de Julho e no Teatro Joaquim Benite (fica até dia 5), caberá à estreia da encenação de Carlos Avilez para o clássico de Tennessee Williams *Bruscamente no Verão Passado*, uma das três estreias num festival composto maioritariamente por reposições. Ainda assim, também João Mota inaugurará a sua leitura de *As Artimanhas de Scapin* (16 a 19, Fórum Romeu Correia), de Molière, tradução de Drummond de

Andrade, e Isabel dos Santos dirigirá a ACTA em *Instruções para Abolir o Natal* (16 a 19, Academia Almadense), de Michael Mackenzie.

Numa edição em que não haverá o habitual Palco Grande e a extensão da programação a Lisboa se limitará ao Centro Cultural de Belém, a disponibilidade dos artistas para compensarem com um maior número de sessões as lotações limitadas a 50% permitirá ainda descobrir ou rever peças como *Mártir* (de Marius von Mayenburg, encenada por Rodrigo Francisco), *A Grande Emissão do Mundo Português* (criação de Isabel Craveiro com os actores de O Teatral), *O Mundo É Redondo* (de Gertrude Stein, por António Pires), *Turma de 95* (de Raquel Castro), *By Heart* (de Tiago Rodrigues, este fim-de-semana de regresso ao palco do Teatro Nacoidal D. Maria II), *Castro* (de António Ferreira, por Nuno Cardoso), *Uma Solidão Demasiado Ruidosa* (de António Simão, a partir do romance de Bohumil Hrabal), *Viagem de Inverno* (de Elfriede Jelinek, por Nuno Carinhos), *A Criada Zerlina* (de Hermann Broch, por João Botelho), *Turismo* (de Tiago Correia) e *O Criado* (de Robin Maugham, por André Murraças).